



Puff & Puck

PIMENTÕES

(Rimas d' O FILHOTE)



LAEMMERT & CA, EDITORES PROPRIETARIOS
Rio de Janeiro - S. Paulo - Recife

•1897•

PIMENTÕES



PUFF & PUCK

PIMENTÕES

(Rimas d'O FILHOTE)



LAEMMERT & C.

EDITORES PROPRIETARIOS

Rio de Janeiro—S. Paulo—Recife

1897

10.122



YAN
868.9449
p589 p

Companhia Typographica do Brazil — Invalidos 93



ADVERTENCIA... DESNECESSARIA

Isto não é leitura para meninas ingenuas que não sabem o que é a vida, nem para meninos sem buço que ainda se dedicam ao saute-mouton e á peteca. Os abaixo-assignados, autores modestos, não querem grande popularidade. Já lhes bastam a popularidade que O FILHOTE deu a estas castas elocubrações poeticas, e a popularidade nova que lhes dão agora os editores. Não querem grandes tiragens: por isso, recommendam a quem comprar este folheto o maximo empenho em furtal-o ás vistas da gente pura: porque, se a gente pura souber da existencia d'este livrinho, — os editores ficarão mais ricos do que Créso e os autores mais celebres do que o padre Anchieta, — cousas que não entram nas intenções dos primeiros nem dos segundos.

Puff & Puck.



I

CONTO

Clarinha, á mamã, chorosa,
Conta o que lhe aconteceu :
« Eu ia silenciosa...
Um homem me appareceu...

Estava deserta a estrada,
E não passava ninguém...
Parei, pallida e assustada :
Elle parara tambem...

Houve um silencio de morte,
Um espanto entre nós dois...
Depois... como elle era forte...
E eu era fraca... depois... »

« Clara ! você me consome !
(Brada a velha com furor)
Declare-me já o nome,
O nome do seductor ! »

« Não sei... » E, no seu desgosto,
Na sua atrapalhação,
Chora... « Porém, viu-lhe o rosto ?
Viu o rosto do villão ? »

« Não vi ! tudo estava escuro...
Escuro... não vi!... não sei!
E demais, n'aquelle apuro,
Não foi p'ra o rosto que olhei... »



II

PRESENTE DE ANNOS

Diz á mulher o Vicente:

— « Tu não achas, meu amor,
Que hoje, annos do professor,
Devemos dar-lhe um presente? »

— « Com certeza, elle é tão bom,
Trata tão bem o Juquinha...
Já era lembrança minha,
Mandarmos, que é do bom tom. »

— « Que deve ser? Vamos, falla :
Um bom livro, alguma joia,
Aquelle quadro de Goya,
Um cachimbo, uma bengala...? »

E discutem, todo o almoço,
Que presente deve ser ;
E já, de tanto escolher,
Vão formando um alvoroço.

Juquinha, que escuta quieto,
Tão tola e simples questão,
P'ra acabar a discussão,
Apresenta este projecto :

— « Nada de presentes finos.
Dêem cousa que mate a fome:
Que elle é tão pobre, que come
Nas panellas dos meninos. »



III

ORLANDO FURIOSO

Chamava-se Lagartixo
Um homem, que, a noite inteira,
Puxava na companheira
Pancada de criar bicho.

Deus sabe como elle dava
E como ella recebia;
Quanto mais ella gritava,
Tanto mais elle batia.

Acode um visinho aos gritos,
Mas a pancada não pára;
A mulher mostra os cambitos,
O marido esconde a cara.

—« Basta! já 'stá bem batida!...
Visinho, não seja máo...»
—« Vá tratar de sua vida
Que ella gosta do meu páo.»



IV

ANOMALIA

Herr Francofish é polaco ;
E' portugueza a Manoela :
Mas do Francofish o fraco
E' fallar a lingua d'ella.

Ella, sendo portugueza,
Falla polaco, bravia :
E não ha quem, com franqueza,
Explique essa anomalia.

Pois, que mania é aquella,
Que atroz costume é aquelle,
De elle usar da lingua d'ella,
E ella usar da lingua d'elle ? . . .



APUROS

Que desastrado, o Gamboa !
Em toda a parte onde estava
Alguma peça pregava
A' sua propria pessoa.

De uma vez, n'um baile, tanto,
Tanto bebeu esse amigo,
Que, vendo a cousa em perigo,
Disparou, buscando um canto . . .

E, achando aberta uma porta,
Barafusta, sem demora,
Quando dá com uma senhora,
Que diz, de vergonha morta :

— « Como põe aqui o pé ?
Isto é p'ra nós reservado . . . »
E o Gamboa, encalistrado,
Responde : — « Isto tambem é. »

E se elle tinha razão
Que o diga quem nunca um dia,
No estado em que elle se via,
Fez das tripas coração .



PANCADARIA

José casou com Maróca,
E Antonio casou com Fina ;
Foi cada um p'ra a sua tóca
N'uma alegria divina.

No primeiro mez, abraços,
Beijos, venturas, carinhos...
E andavam, dados os braços...
E eram as casas dous ninhos...

Depois, arrufos e brigas ;
E tédio em cada consorte...
E ai ! ambas as raparigas
Tiveram a mesma sorte :

E ambos, com furia guerreira,
Tiveram ira profunda :
José dava na primeira,
E o outro dava... na segunda.



VII

APERTO

— « Meu velho, conto contigo,
Estou desgraçado, Mello :
Tu vais perder um amigo :
Vou me bater em duelo. »

— « Como assim ? » — « Tu já vais ver :
Entro em casa (que infeliz !)
E encontro minha mulher
Nos braços do Zé Luiz. . .

Que fazer ? Que desgraçado !
Mello, que destino crú !
Estou aqui, 'stou furado,
Já 'stou com o pé no Cajú. »

— « Sê philosopho, disfarça,
E não mostres cara triste !
Não tens geito para a farça ?
Pois finge que nada viste . . . »

— « E' muito bom dizer isto,
Com isto muitos fugiram ;
Porém eu, valha-me Christo !
Não posso . . . que elles me viram . ! »



VIII

O SIGNAL

Tinha uma pinta na coxa
A mulher do Nicoláo :
Ella gorda, era uma trouxa,
Elle magro — um vara-páo.

A mulher era de truz,
O marido era um bocó ;
Por qualquer cousa, Jesus!
Havia forrobodó.

A visinhança tremia
Quando a mulher se enfunava,
O Nicoláo se escondia,
Ella sahia... e pintava...

Um dia ficou sosinho
Nicoláo aos prantos e ais,
Triste como um bacorinho...
A mulher não voltou mais.

Poz annuncios nas gazetas,
Foi ao chefe de policia,
OuvIU mentiras e tretas,
Mas ninguem lhe deu noticia.

Até que um sujeito máo,
P'ra vel-o ficar na *tinta*,
Diz-lhe: «Vi-a, Nicoláo :
Conheci-a pela *pinta*.»



IX

ELLES

Zé Fidelis? nunca vi
Homem de tal coração;
Nunca fallava de si,
Porém era um rapagão.

Viu a Lola. Lola, ao vel-o,
Ficou, como se diz, tonta.
Ella frisava o cabelo...
Elle, galhardo, na ponta...

Ella não era franzina;
Elle era hercules; mas
Ficou na espinha a menina,
Ficou na espinha o rapaz.

Ella perdeu o appetite ;
Elle tambem... Ora, em summa,
Nenhum responde a um convite,
Nenhum vai a parte alguma.

Que tens, Fidelis, na bola ?
Lola, é bom que te reveles...
Elle culpa a pobre Lola,
Ella culpa o Zé Fidelis.



X

UM INCENDIO

Incendiou-se o *Ravot*,
E diziam no *Paschoal*:
— O fogo não respeitou
Aquelle bello pombal.

As soiças do Vianna,
Cheias de magua e de dor,
Pingavam pranto e suor
Ou antes — caldo de canna.

Disse um typo, na *perúa*,
Passando pela calçada:
— Que aconteceu n'esta rua?
Que cheiro de pomba assada!



XI

CONTO DO VIGARIO

Disse o vigario á Maria :

« Aos rapazes petulantes
« Não ouça ! e séria se ponha,
« Maria, seja mais fria !
« Maria, não tenha amantes !
« Maria, tome vergonha !

« Se precisa de um amigo
« Que a escute, aconselhe, escude,
« Proteja, anime e socorra,
« Maria... conte commigo !
« Sou padre, tenho virtude...
« Sou velho e tenho pachorra... »

Muito séria e recolhida,
Ouve-o ella, ponto por ponto,
E logo diz: « que fadario!
« Ou estou muito illudida,
« Ou, *seu* vigario, o seu conto
« E' um conto do vigario! »



XII

INDIGESTÃO

Linda como a madrugada,
Cheirosa como um rosal,
Rita, faceira e enfeitada,
Foi á missa do Natal.

Depois da missa, passeio,
Com o Juca, ferrador . . .
Ceiam leitão com recheio,
Beijam-se, fallam de amor.

Que noite quente e bonita!
Que regalo para os dois!
— Mas que mudança na Rita,
Logo dous mezes depois!

Desejos extravagantes...
Ora a rir, ora a chorar...
Não trabalha como d'antes...
Põe-se a engordar... a engordar...

Diz a mãe: «Tu, com certeza,
Tiveste uma indigestão...
Tu abusaste da mesa:
Comeste muito leitão...»

Rita córa, ao ouvir isto:
Pois bem sabe que, afinal,
Depois do Natal de Christo,
Vai haver outro Natal...



XIII

NA CHUVA

Cai aqui, cai acolá,
Um pobre chuva, coitado,
N'um frade de pedra — *bah!*
Quasi fica espedaçado.

Sobe-lhe o sangue á cabeça,
Saca o estoque, incontinenti,
E contra o frade começa
A brandil-o, impenitente.

Oh! que tremenda batalha!
— « Como este ladrão é duro!
Deve ter cóta de malha...
E' por isso que o não furo... »

E investe, e bate, e se arrisca
Com tamanha valentia,
Que até salta uma faisca
Da pedra que elle aggedia.

Então, sem perder a linha,
Calma-se o bebedo, e, logo,
Mette o estoque na bainha :
— « O cão traz arma de fogo. »



XIV

A TOUT SEIGNEUR

'Stava reunido o conselho,
Eu não sei bem por que foi,
Mas sahiu um rolo velho...
Talvez a questão do boi.

Foi o diabo — dicterios,
Pilherias, descomposturas ;
Sahiram á luz mysterios,
Clarearam cousas escuras...

E a tal crescendo attingiu,
Que ouviu aquelle salão
Cousa que nunca se ouviu...
Antes dessa occasião.

- Pedaco de besta! — Burro!
— Põe uns oculos de couro!
— Vai para a escola, casmurro!
— Vai tu para o matadouro!

E a lucta seguia infrene...
Mas alguem, cheio de si,
Perguntou com ar solemne:
— « Então eu não estou aqui? »



XV

DOR DE VIUVA

Tendo o marido doente,
A Maroca dos Apitos
Com o Bom Jesus dos Afflictos
Pegou-se, chorosa e crente.

Foi uma novena cheia,
Que, ao terminar, deixou pena ;
Tinha musica a novena
E, depois de tudo, ceia.

Era toda casa incenso ;
A capella sempre accesa.
Nunca se viu tanta reza,
Nem amor tão forte, eu penso.

Mas, comtudo foi peor . . .
O marido da Maroca,
Em meio da festa, espoca,
E lá vai para melhor.

E a mulher, que o pranto cede
Aos outros, dizia aos gritos :
— « Meu Bom Jesus dos Affictos
Fazes mais do que se pede. »



XVI

NO VERÃO

O Gregorio d'Assumpção,
Disse um dia desses :—« Parto
E vou procurar um quarto
N'uma casa de pensão. »

E foi. Bateu todo o Rio,
Esteve no Riachuelo,
No becco do Cotovello,
Na rua do Lavradio,

Porém na rua do Cano
Encontrou uma casinha,
Mas só perto da cozinha
E' que achou quarto, o magano.

Foi um grande fallatorio,
Por nada o quiz alugar.
— « Mas é bom, tem muito ar
Este quarto, seu Gregorio. »

— « Não só não é pittoresco,
Como é pequeno e é immundo ;
Eu cá não desprezo um fundo,
Mas aqui não entra fresco. »



XVII

O VISPORA

A mesa era grande, tanto
Que por melhor que eu a pinte,
Não crêem que em cada canto
Cabiam perto de vinte.

Jogam pares ; cada moço
Tem ao lado uma menina,
E jogam n'um alvoroço,
Que ninguem com o jogo atina.

— « 32 ! » — « Silencio ! . . . » — « Diga !
Que pedra sahiu agora ? »
— « Cala a bocca, rapariga ! »
— « Nunca joguei tão caipora ! »

— Vispora ! — exclama um sujeito ;
Mas, passada a exclamação,
Encosta na mesa o peito,
Dorme em cima do cartão.

Um velho em frente, um velhote,
Barbado, um velho sizudo,
(E' preciso que se note),
O velho percebeu tudo.

O sujeito o cobre mama
E em breve, ó tu que me lês,
— « Vispora ! » outra vez exclama,
E o velho diz :—« Outra vez ?! . . . »



XVIII

VELHO CONTO

Rita, mocinha faceira,
Passeia com o namorado ;
E, descendo uma ladeira,
Dá um tombo desastrado.

Que tombo ! quasi desmaia . . .
E o noivo, que o tombo a terra,
Vê cousas, por sob a saia,
Mais do Céu do que da Terra.

Nem acode a levantal-a:
Contempla, mira, remira,
Fica tonto, perde a falla,
Bate palmas e suspira.

Levanta-se ella sósinha . . .
Vendo do moço a surpresa,
Murmura, rindo, a Ritinha :
« Viu a minha ligeireza ? »

E elle logo : « Sim, senhora !
Vi . . . mas sem que suspeitasse
Que aquillo que vi de fóra
Tambem assim se chamasse . . . »



XIX

A VOZ DO SANGUE

Matou Conrado a paixão
Que o trazia succumbido,
Entregando o coração
A' Alexandrina Balão,
Que o recebeu por marido.

Depois de um bom par de mezes
De pensar e mais pensar
E discutir muitas vezes,
Os referidos freguezes
Abalaram do lugar.

Não os viu Deus com bom olho,
Pois se um filho rechonchudo
Deu-lhes, era o tal pimpolho,
Além de tudo, caolho,
E mudo, acima de tudo.

Conrado, que o filho adora,
Nana-o, beija-o, mexe, vira,
Debalde suspira e chora,
— Palavra não sai p'ra fóra,
Palavra alguma lhe tira.

Volta ao lugar do casorio,
E, logo, das nuvens cai ;
Pois, ao ver no consistorio
Da igreja o padre Liborio,
Diz a criança : — « Papai ! »



XX

MISSA DO GALLO

Sahiu de casa pimpão
Seu Anacleto Possollo,
Com uma garrafa na mão;
E levava a tiracolo
O famoso violão.

Sahiu no bello descante,
E devéras que era bello.
Ia alegre, ia chibante
Ouvir missa no Castello,
Que lá estava a sua amante.

Entrou na venda da esquina,
Temperou a voz no góle,
Gingou a canella fina,
E já vai de passo molle,
Já não canta : desafina.

E taes cousas berra o tolo,
Que lhe apparece uma troça ;
N'um apice arma-se um rolo,
Ferve o páo, a cousa engrossa,
Vão presos todos n'um bôlo.

Só hoje acabou a festa.
Anacleto está de molho ;
Livre um só braço lhe resta,
Trouxe de menos um olho,
E um gallo de mais . . . na testa.



XXI

ATTENUANTE

O Loduvino pelludo,
Gatuno mui conhecido,
Era um cabra cabeçudo,
Disposto a tudo: atrevido,
Mettia a cabeça em tudo.

E não era sem razão
Que da cabeça do tal
Fallava a população ;
Cabeça descommunal,
Respeitada e com razão.

Pois sabendo o ratoneiro
Que na casa da vizinha,
Que tinha muito dinheiro,
Quasi junto do terreiro
O muro um buraco tinha,

De noite a cabeça empurra,
Súa, mas não dá cavaco.
Seu pensamento é a burra ;
Levasse embora uma surra,
Não sahia do buraco.

E foi pilhado em flagrante,
Correu lepida a noticia ;
Apitou-se n'um instante,
E lá se foi o tratante
Pelo cós, para a policia.

Sua defesa começa,
E, para attenuar a falta,
Para se livrar da peça,
— Dizia o grande peralta,
Que só metterá a cabeça.



XXII

ONUS DO OFFICIO

Quando Chico sapateiro
Poz na rua o lesto pé,
Entrou lepido e ligeiro
Na sua tenda o José.

« Que quer ? » — a mulher do Chico
C'um sorriso perguntou,
— Porque o José, homem rico,
Bem soube onde foi que entrou . . .

« Botinas, minha senhora ! »
Ella mexe, ella remexe,
Anda de dentro p'ra fóra,
Cheia de *quero e me deixe*.

Elle pega-lhe no braço,
Ella disfarça e sorri...
— « Ai! não posso dar um passo...
Tire-me esta bota aqui. »

E quando ella se approxima,
Elle, entregando-lhe o pé,
Dá-lhe um beijo. Logo em cima
Entra o Chico : — « Seu José! »

— « Que isso ? grande atrevido ! »
Responde o José. — « Não notas
Que eu estou aqui mettido
Arranjando um par de botas ? »



XXIII

A PROTECTORA

Diz Anna Felicidade :
« Como vejo nos jornaes,
Fundou-se uma *Sociedade*
Protectora de Animaes. »

Isso diz e olha o marido...
E elle diz: — « Que bella sorte !
Ha tanto animal perdido,
Condemnado á fome e á morte... »

E ella, rindo ás gargalhadas :
« Pensa você, infeliz,
Que acabarão as touradas ?
Você não sabe o que diz ! »



XXIV

CORNELIO

Era casado um gabola
Com um pancadão de mulher,
Que lhe punha tonta a bola
Por isso que eu vou dizer :

Cornelio (era este o seu nome)
Em triste jejum vivia
Porque embora tendo fome,
Nem um bocado comia.

Todo o mundo assegurava
Sua pesada abstinencia,
E Cornelio tolerava
Tudo com santa paciencia.

E a mulher sempre mais bella,
Cornelio com mais jejum,
Quando vem, sem mais aquella,
Um filhinho, apenas um.

Cornelio a todos se gaba,
Cornelio é todo pimpão.
(Quasi que esta historia acaba
Como a da gralha e o pavão).

Dizia Cornelio :— « Vamos,
Que têm agora a dizer ? »
E elles: — « Nós não duvidamos
Nunca da tua mulher. »



QUANTOS ?

« Nós temos como visinhos
(Dizia Antonio a Manuel)
Um bando de *coitadinhos*
Que não têm mulher fiel... »

« Muito me contas, compadre !
Mas, sem contigo contar,
Porque respeito a comadre,
Quantos pódes accusar ?

Brada o Manuel revoltado :
« Sem contar commigo?! que ?
Antonio! tome cuidado!
Não me provoque você! »

« Perdão! (diz o outro). O que digo
Já não te póde offender:
Mesmo contando contigo
Quantos cucos póde haver?... »



XXVI

CONTO

Casa-se Anninha. Acabada
A festa, finda a funcção,
Fica ella triste e assustada,
Com um frio no coração.

Diz a madrinha: — « Entra, filha
Para o quarto... Pois então! ?... »
Mas ella (que maravilha!)
Bate o pé, e diz que não.

Vão chamar o pai de Anninha...
Chega o pai, que é bonanchão:
« Vamos! entra, minha filha!
Cumpre a tua obrigação! »

E ella: — « Papai se estivesse
Na minha situação... »
E o velho, que empallidece :
« Ah! eu não entrava, não! »



XXVII

CONSCIENCIA

O nosso amigo Matheus
Um dia se decidiu,
A roupa de ver a Deus
Escovou, pol-a e sahiu.

Era demais! Quem atura
Tal desmoralisação?
Não era tão cara-dura,
(E o homem tinha razão).

« Aqui estou, senhor juiz,
Eu sou casado com um raio...
Eu pago o mal que não fiz...
Casado d'aqui não saio. »

O juiz Matheus encara,
E o acha um homem de truz,
Não se lhe via na cara
Que carregava uma cruz.

« Porém que provas allega
Para o divorcio? A razão?... »
O Matheus as mãos esfrega
E diz, com a cara no chão:

« Quer melhor? Essa senhora,
Por quem agora me humilho,
Seu juiz, bota pr'a fóra
Todos os annos um filho. »



XXVIII

REGA

A mulher do Zé Vicente,
Formoso ninho de encantos,
Muito dengosa e indolente,
Andava constantemente
A espreguiçar-se nos cantos.

« Vai trabalhar, mandriona! »
Bradava o marido máo,
Saltando n'ella, a taponá,
Fazendo-a ver uma fona,
Com grandes sóvas de páo.

Com tanto e tanto levar,
Ella a emendar-se se exhorta:
Resolvida a trabalhar,
N'uma noite de luar,
Lá foi com o Matheus á horta...

Já tinham cantado os gallos,
— Como ella tomara emenda! —
Quando o Zé foi encontral-os:
— A moça a regar-lhe os talos,
O outro a regar-lhe a fazenda!



XXIX

FIASCO

Mestre Isidoro Pacheco,
(De alfaiate e não de escola)
Era um sujeito alto, secco,
Pelintra e muito gabola

Vivia com uma viuva
E pr'a agradal-a trazia
A roupa como uma luva,
E a cabeça luzidia.

Pacholava o Isidoro,
Levava uma hora no espelho,
(Queria arranjar namoro
O sem vergonha do velho).

E gabava-se o tal pulha
De ser um lynce perfeito,
Que só enfiava agulha,
Dizia, de fundo estreito.

A viuva para opprimil-o,
Um dia, diante de gente,
Apanhando-o mui tranquillo,
Disse-lhe tranquillamente:

« Pacheco toma esta linha,
Que hoje tambem vou coser,
E n'esta agulha fininha
Enfia-a, que eu quero ver. »

Pacheco põe mãos á obra,
Pacheco não dá cavaco,
Mas ou muito a linha dobra
Ou elle não vê buraco.



X X X

A CARESTIA

Hontem dizia o Joaquim
(E com que dor o dizia !):
« Eu nunca vi cousa assim !
Que tremenda carestia !...
Vejam-me só este pão :
Não chega nem pr'a uma mosca !
Não ha remedio senão
Trocar o pão pela rosca ! »



XXXI

CASTIGO

« Não sabes ? dizia a Annita,
A nossa boa Chiquita
Vai se casar em abril,
Mas que pena ! ella tão linda,
Commette uma asneira infinda,
Foi sempre muito infantil . . . »

« Com quem casa ? » « Ora eu te digo,
Com o Gregorio, aquelle amigo
Do Bonifacio Ferrão.
Que antipathico sujeito,
Mal encarado sem geito,
Um verdadeiro typão ! »

« Realmente, que destino,
Com franqueza não atino,
Este mundo tem enganoso !
Mas casa mesmo ? Não creio,
Que o Gregorio, além de feio,
E' um sujeito entrado em annos. »



XXXII

CONTO

Depois da festa acabada,
Depois da noiva em menores,
Entrou para a alcova o Flores,
Mais molle do que uma empada.

No *chambre* traz uma caixa
Pesadinha de *bijoux*:
E, tomando o braço nú
Da noiva, diz-lhe em voz baixa :

« Para aqui esta pulseira !
Para o teu dedo, isto aqui...
— Que bello annel ! » E Lili
Espera a joia terceira,

Que não demora em verdade...
Pescoço, braços, orelha,
Dedos, tudo n'ella espelha...
Porém á morosidade

Do Flores, que fica a olhar,
Diz ella, em tom compungido :
« Eu quero ver, meu marido,
Cada cousa em seu lugar ! »



XXXIII

A PROMPTIDÃO

Dona Quiteria, escutando,
Presa de estranha emoção,
Que as tropas, quartelando,
Estavam de promptidão,
Disse ao pacato marido:
« Segue o exemplo, fracalhão !
« Só tu, Pafuncio querido,
« Não ficas de promptidão ! »



XXXIV

CASAMENTO

Vai casar um velho torto
Com uma menina faceira,
« Por que é que faz essa asneira,
Quando já está quasi morto? »

« Porque quero ter um filho!
Quero ser pai! » Malicioso,
Acode o Thomaz Pampilho
Com um sorriso venenoso:

Não pense n'esse tropeço
Socegue! fique tranquillo!
A sua noiva conheço:
Não é capaz de trahil-o!



XXXV

VELHO CONTO

Encontraram-se em viagem
Rapaz novo e velho gasto,
Ambos na mesma estalagem
Dormiram, feito o repasto.

Dormiram na mesma cama.
O velho na cama quente
Sonha, e nos sonhos exclama :
— « Jesus ! S. Bento ! serpente !

Mas não me foges, socorro !
Estás aqui na minha mão,
Ou tu morres ou eu morro ;
Porém não me foges, não ! »

O rapaz solta um tal berro
Que o velho acorda.—« Que é, moço ? »
— « Então eu cá sou de ferro ? »
— « Mas é duro como um osso ! »



XXXVI

O CONTRARIO

Namora Pafuncio Amaro
A Rita da Conceição ;
E passa as noites em claro
Na rua, a tocar violão . . .
Mas sai-lhe o namoro caro !

Porque, um dia, o desgraçado
Tocava, — quando choveu :
Ficou Pafuncio molhado,
Espirrou, quasi morreu,
Constipado e resfriado . . .

Diz elle á bella : « O' tormento
« D'esta vida ! vê que horror :
« Causa do meu soffrimento !
« Por causa do teu amor,
« Tomei um resfriamento . . . »

E ella : « Que triste fadario !
« Nunca vi bobo maior !
« Deixa esse caso ordinario !
« Olha : seria peior
« Que apanhasses o... contrario ! »



XXXVII

MYSTERIO

O Joaquim é alto e grosso ;
E casou com a Joaquina,
Que é mais magra do que um osso,
Magra, baixa, pequenina.

Casaram. E toda a gente,
Depois de aturado estudo,
Confessa que o continente
E' menor que o conteúdo.



XXXVIII

VELHO CONTO

Não cría no hypnotismo
O Nicoláo de Assumpção,
E dizia com cynismo
Que quem crê não tem razão.

Mas um dia um seu amigo
A certa casa o levou,
Onde, para seu castigo,
Uma sessão encontrou.

Que somnambula supimpa !
Diz cousas do arco da velha,
Faz cousa bonita e limpa,
Parece até que tem telha.

O Nicoláo se adianta,
E, com a descrença em que vai,
Tosse, ri-se, a voz levanta
E diz : — « Onde está meu pai ? »

A somnambula procura...
Procura... procura... e diz :
— « Seu pai 'stá na Cascadura
No botequim do Luiz. »

Nicoláo grita : «— Eu não disse ? »
Ora, não lhes digo eu
Que o hypnotismo é uma tolice !
Meu pai, sabem ? já morreu... »

Presta a somnambula ouvido
E volve : « Ninguem o estranhe :
Quem morreu foi o marido
Da senhora sua mãe. »



X X X I X

TEMPERATURA

Mais macambusio que afflicto,
Mais intrigado que triste,
Sahe de casa o Benedicto,
Anda, volta e não resiste,

Entra feito, como um fuso,
N'um consultorio : — « Doutor,
Desculpe-me... estou confuso,
Mas faça sempre o favor,

Explique-me esse mysterio :
Eu sou casado ha trinta annos ;
Sou homem, como vê, serio,
Mas tem a vida uns enganos...

Minha mulher é supimpa,
Muito meiga, muito boa,
Muito docil, muito limpa,
E é dessas que não tem proa.

Quando eu a vejo de frente
Até me parece fria,
Mas é mais que o inferno quente,
Quando de costas me espia.

Pela frente é uma geleira,
Até maleitas me faz,
E é como uma frigideira
Dentro do fogo, por traz. »

O doutor olha-o, sereno,
Mas a explicar não se anima
Como em tão curto terreno,
E' tão diferente o clima.



XL

GATO ESCONDIDO...

O Guedes é como um louco
Nos dias de carnaval,
E não se diverte pouco,
Constipa-se, fica rouco,
Sai fóra do natural.

Primeiro ensaia-se em casa,
Inventa pilherias, grita,
E quente, como uma braza,
Apanha a primeira vasa
E lá vai todo catita.

Mas hontem voltou tristonho,
Não quiz fallar com ninguem,
Não comeu sequer um sonho ;
Vendo-o a mulher tão bisonho,
Diz-lhe — : « Que é que você tem ?

'Stá macambusio, pensando,
Não bebe vinho, não come... »
— « Pois se fui no baile entrando,
Nem fallei, foram gritando
Logo todos o meu nome?!... »

— « Foi tua a culpa » — « Foi minha ?
Foi minha culpa, então ? » — « Foi »
— « Então o povo adivinha ?
Explica-me isto, Joanninha... »
— « Tu te vestiste de boi... »



XLI

CONTO

Joaquina, já moribunda,
Jaz, ameaçada de morte :
Ardendo em febre profunda,
Não ha vinho que a conforte.

Chega o padre : « Filha minha !
Para a Graça merecer,
Vá rezando a ladainha . . .
Começa a se arrepender ? »

« De que, padre ? »—« Dos peccados .
Entregue á ira divina
Todos os seus namorados ! »
Triste, suspira a Joaquina :

« Ai ! padre ! não falle á tóa...
Não augmente a minha dôr !
Ha de agora uma pessoa
Amaldiçoar o amor ? »

« Por certo ! No ultimo dia,
Lembre-se... O diabo, se a pilha...
Amor é patifaria,
Filha ! arrependa-se, filha ! »

« Ai ! padre ! por que é malvado ?!
Quero morrer no meu tom...
Venha cá ! se isto é peccado,
Que importa ? ao menos é bom ! »



XLII

VELHO CONTO

Casou-se com uma viuva
Um Fuão de tal Mattoso,
Que era um grandissimo chuva,
Que era muito vicioso.

Na noite do casamento
Era só pr'a o *garçon* : « Abra ! »
Bebeu mais do que um jumento,
Ou antes — do que uma cabra.

E quando foi para a alcova,
Não acertou com a porta,
Parecia uma pacova,
Ai! que olhos de cabra morta ! . . .

E a pobre da noiva em pranto,
Vendo o marido sem tino,
De um canto para outro canto,
Como um badalo de sino,

N'um *ai!* triste, que resume
Seu viver desilludido,
Diz-lhe : « Já vens com o costume
Do meu defunto marido ! »



XLIII

DEPOIS . . .

Elle dizia : « Só penso
Que inda póde, meu amor,
O nosso prazer immenso
Custar-te tamanha dôr . . . »

E ella : « Não tenhas cuidado !
Se eu soffrer é porque quiz :
Porém fica descansado
Que eu nos partos sou feliz !



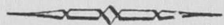
XLIV

RITINHA

Ritinha, menina bella,
Que não faz nada por mal,
Namora pela janella,
Namora pelo quintal !

Prega-lhe o pai uma sova,
Que a põe de cama a chorar
E quasi a conduz á cova.
E diz o velho a berrar :

« Arre ! agora, felizmente,
Quero ver se inda és capaz
De namorar pela frente
E namorar por detraz ! »



CAUTELA

Maria do Sacramento
Ficou viuva. E inda chora,
Quando se lembra do Bento
E da ventura de outr'ora . . .

Mas, um bello dia, o Antonio,
Que fica pallido ao vê-la,
Vai propôr-lhe matrimonio,
E diz para convencel-a:

« Olhe! Eu e o Bento vivemos
Sem inveja, ou briga, ou magoa ;
E em tudo nos parecemos
Como duas gotas d'agua ! »

A viuva escuta e hesita...
Mas, cautelosa, ao seu lado,
Murmura a comadre Rita:
« Comadre, tome cuidado... »

« Quem sabe se o Antonio mente?
Conheço tanto velhaco!...
Quer casar? Experimente...
Não compre nabos em sacco! »



XLVI

PRETENDENTE

O Rego sahiu voando,
A' procura de um emprego,
E entrou como um fuso o Rego
Em casa de um venerando

Chefe politico que era,
Entre os grandes funcionarios,
Um dos mais extraordinarios,
Um trunfo, um dégas, um cuéra,

E já puxa a campainha,
E já lá vem o porteiro,
Que, vendo o Rego lampreiro,
Cousa nenhuma advinha.

(O que alli levava o Rego
Era pedir protecção,
Pedir recommendação
Para obter qualquer emprego).

— « O conselheiro ? » — « Senhor,
Ha tres minutos, apenas,
Acabaram-se-lhe as penas :
Rendeu a alma ao Creador. »

— « Que perda horrivel ! (murmura
O Rego, com a mão no peito)
Nunca houve homem tão perfeito . . .
Morre uma grande figura. »

Mas pisando o patamar,
Dizia com convicção :
— « Vim pedir-lhe protecção . . .
E elle me deixa o lugar. »



XLVII

CONSCIENCIA

Como estivesse já á porta
Da casa dos cincoenta annos,
Já menos viva que morta,
Já cheia de desenganos,
Já feia, já murcha e torta,

Foi Clara ao confissionario,
E todas as culpas suas
Contou ao santo vigario,
Que ouviu tantas cousas cruas,
Que as apontou no *diario*.

Deu-lhe penitencia e disse :
— « Ouvi os peccados seus
(Que foi como os nunca ouvisse),
Seus dias dedique a Deus,
Deixe de fazer tolice. »

Diz a beata : — « Muito bem.
Adeus minhas alegrias !
Não quero ver mais ninguém,
A Deus darei os meus dias,
E as noites, meu padre... a quem ?



XLVIII

QUOD CESARI...

Fôra Candido homem duro,
Feroz sebastianista,
Porém já estava maduro,
Já tinha abaixado a crista.

No tempo da mocidade
Fôra um pelintra de truz,
Mas hoje, que iniquidade!
Anda seboso... Jesus...!

Sahe ás vezes sem gravata,
Outras vezes sem chapéu,
Tem ares de patarata,
Parece que já morreu.

Mas outro dia, que graça!
Um amigo o caso viu,
E contou-me esta chalaça
Que de tal porco sahiu.

Estava elle n'um salão,
Como sempre relaxado,
Candido molle e poltrão,
Todo desabotoado.

—« Que é isso, seu conselheiro?
Disse-lhe alguém de repente,
Ou ponha-se no terreiro,
Ou tome modo de gente. »

—« Eu, diz elle, é que pergunto
Se é alguma innovadella
Nas casas que ha defunto
Trazer-se aberta a janella? »



XLIX

NA HORA DA MORTE

Porfirio Chichorro Lessa,
Foi em vida, embarcado,
Pouca gente o conheceu ;
Mas esta historia começa
No dia em que elle morreu,
Ou que esteve para isso.

Sentindo-se moribundo,
Chamou a mulher : — « Camilla »
(E preso nos braços seus)
« Eu quero, deixando o mundo,
Morrer na graça de Deus,
Com a consciencia tranquilla.

Pobres somos, porém graças
Que sempre fomos honrados.
Agora, que morro eu,
Com o que te deixo bem passas,
Aquillo que não fôr meu
Entrega aos donos, coitados. »

— « Virgem Maria, Porfirio!
Calma essa cabeça tua,
Que já miolo não tem,
Pois se eu te ouvisse o delirio,
Tu verias já, meu bem,
Meus filhos todos na rua »



L

UM DESTINO

José dizia a João :

« Tu não paras um instante

« N'uma deliberação !

« Queres ser negociante,

« Industrial, jornalista,

« Agricultor, advogado,

« Medico, pintor, artista,

« Sacerdote, magistrado !

« E assim, cansado, a suar,

« E tudo fazendo ás pressas,

« Nunca podes acabar

« Tantas cousas que começas...»

Diz o João: «Já sei disto!
« Já sei disto! é o diabo!
« Eu insisto, insisto, insisto,
« Insisto em vão, não acabo!

« Já é destino! que quer?
« Valha-me S. Zacharias!
« A minha propria mulher
« Diz-me isto todos os dias. »



LI

ELLA

Maria tem vinte amantes!
Uns tortos, outros direitos;
Todos elles são galantes,
Todos vivem satisfeitos...

Mulher de recursos fartos!
Como é que esta impenitente,
Tendo no corpo dous quartos,
Dá pousada a tanta gente?



LII

IDENTIDADE

Dous irmãos eu nunca vi
Que se parecessem tanto
Como o Juca Bemtevi,
E o Pedro Pereira Canto

Cousa fóra do commum !
Não eram dous, eram *bis*,
A cara de qualquer um
Era... como o povo diz...

Ao vel-os juntos, o povo
Exclamava : — « não distingo :
São como um ovo e outro ovo
Ou d'agua um pingo e outro pingo. »

Até dizem que o Pereira
Teve disso a melhor prova,
N'um dia de bebedeira
Levando uma grande sova,

Que vinha p'ra o Bemtevi ;
Mas, de facto, a parecença
Era tal, que eu conto aqui
Um caso de graça immensa:

Uma vez, n'um dia santo,
Por não ter o que fazer,
Voltando p'ra casa, o Canto
Dá com o Juca com a mulher.

— « Bemtevi ! » Ella : — « Meu bem ! »
Juca a linha não perdeu :
— « Que é isso, repare bem,
Diga : qual dos dous sou eu ? »

O Canto de bocca aberta
Olha-o, olha-se e depois
Vai-se... O pobre não acerta
A saber qual é dos dous.



LIII

OPINIÕES

Um philosopho dizia
A um seu amigo querido,
Que jamais comprehendia
Como um amante queria
Sempre o gozo repetido.

— « E' um abuso ! E eu sempre vejo
A mesma cousa gozada
Ter sempre maior desejo.
Pois se o beijo é o mesmo beijo,
O beijo não vale nada . . .

Onde está a novidade ?
O que hontem foi, hoje é.
Fallo com sinceridade :
Não comprehendo a vontade . . .
Você que diz, *seu* José ? »

Diz o outro :—« *Seu* Raymundo,
Cada qual tem sua norma
De gozar por este mundo:
A mesma cousa no fundo,
E' differente na fórma ».



LIV

A ALICE

Silva Lisboa, marujo,
Preto e desertor da Armada,
Entrou em casa de um *cujo*,
Como se fosse criada.

Servio banho ás sinhásinhas,
Como uma serva qualquer ;
E tinha seios, e anquinhas,
E ademanes de mulher.

Dengoso, imberbe e faceiro,
E bello, apezar de escuro,
Namorou muito copeiro,
Fez escalar muito muro.

Pintou a manta esta Alice . . .
E, emfim, é lastima só
Que de serva não servisse
Ao nosso doutor Deiró . . .



LV

A ELEIÇÃO

José, natural das Ilhas,
Que falla cerrado e grosso,
Disse ante-hontem para as filhas :
« Votem-me o diavo do almoço!

« Beijam se andam mais depressa !
« Bamos ! preciso cumer,
« Porque a eleição já cumeça ;
« Quero cumprir meu deber! »

A amasia delle, mulata,
Acode : « Que é, seu Zézinho ?
« Jesus ! este home me mata...
« Porque é que sáe tão cedinho?! »

E o Zé, palpando a barriga:
« Tenho pressa d'almuçar!
« Saiva bocê, rapariga,
« Que o seu home bai botar! »

E ella : « Você botar ? iche!...
« Seu Zézinho, tome nota !
« Não cáia n'algum espiche :
« Ha tanto tempo não bota!... »



LVI

CONTO

Zé Borrasca, embarcação,
Que não tem medo da morte,
Parte, e sem chorar por isso,
Chorando deixa a consorte.

Cruza terra e oceanos,
Correndo perigos mil,
E, ao fim de dous longos annos,
Chega de volta ao Brazil.

Chega prompto a dar abraços,
E beijos... Mas, espantado,
Acha, da mulher nos braços,
Um bebé gordo e corado.

« Senhora! » — e no olhar o brilho
Tem de um Othelo feroz...
« A quem pertence este filho,
Senhora? » — É treme-lhe a voz...

Chora a sogra... A mulher chora...
Mas Borrasca não descansa:
« Senhora! falle, senhora!
Quem é o pai da criança?! »

Responde a mulher aos brados,
Mostrando o filhinho nú:
« Pois se nós somos casados,
O' Borrasca! o pai és tu... »

« Eu, senhora? mente! mente!
Nem esta cousa tem geito!
Dous annos estive ausente
Da minha patria e do leito!... »

E ella: « Existem taes enganos!
Tantos enganos já vi!...
Quem sabe se lá os annos
Não são mais longos que aqui?... »



LVII

FESTAS

Gregorio não é bocó,
Como pensa muita gente,
Anda galante e contente,
E trata-se a pão de lot.

Dá-se com muitos doutores,
E entre os seus familiares
Conta alguns commendadores,
Ministros e militares.

Elle os amigos não poupa,
E não perde ocasião,
E lhes garanto que não
Mette prégo sem estopa.

Hoje bem cedo elle estava
Já de rosa na lapella
E não corria, voava,
Que canella, ai! que canella...

Em casa do conselheiro
Bate Gregorio — « Quem é ? »
— « Sou eu, » e pé ante pé,
Sobe Gregorio ligeiro.

— « Seja bem vindo o amigo,
Que rosto formoso e ledó !
Você vem fallar commigo ?
Que quer de manhã tão cedo ? »

— « E' boa ! quer por-me a pannos ?
Saiba sem mais fallatorio,
Que d'esta casa o Gregorio
Veiu desfrutar os annos. »



LVIII

A SUSPEITA

De que a Genoveva o trahe
João Maria tem noticia ;
Brama, arrepela-se, sahe,
E vai queixar-se á policia .

Chega, esbaforido e tonto ;
E conta, desesperado,
O caso, ponto por ponto . . .
Pergunta-lhe o delegado :

« Mas não póde declarar
Quando, senhor João Maria,
Começou a suspeitar
Que sua esposa o trahia ? »

« Ah ! eu sou homem de ronha !
Logo suspeitei do engano,
Quando vi que a sem-vergonha
Me dava um filho por anno . . . »



LIX

COUSAS...

N'aquella casa do morro,
Pintadinha de amarello,
Vivia Anninha Chichorro.
Seu marido, o Florisbello,
Ciumento como um cachorro,
Tinha uma cara de Othelo.

A ver-lhe a infidelidade,
Preferia vel-a morta !
— E quando vinha á cidade,
Descendo a ladeira torta,
Lá deixava em liberdade
Quatro cães de fila á porta.

Mas a casa tinha fundos...
Sempre se engana a prudencia
De maridos furibundos !
Rosnava a maledicencia
Que... — São designios profundos
Da Divina Providencia !

E o Florisbello, coitado,
De ciumes consumido,
Vivia tonto e enganado :
Pois era (pobre marido !)
Pela frente respeitado,
Mas pelos fundos trahido.



L X

NO DIA DE FINADOS

Ninguem, como eu, ama os habitos
Velhos e as velhas usanças...
N'este tristissimo dia,
Todos vão ao cemiterio :
Homens, mulheres, crianças,
Ninguem falta á romaria.

Tambem tenho uma necropole !
Vou comprar ramos de flores !
Tambem tenho os meus finados...
E vou, com os olhos em lagrimas,
Visitar os meus credores,
Os meus credores amados...



LXI

CONSOLO

Dizia o Manoel Mindello
Homem de haveres e sério,
Fulo e arrancando o cabelo,
Com cara de cemiterio :

« Vejam isto ! vejam só
Que destino deshumano !
Sendo pobre como Job,
Nasce-me um filho por anno ! »

Responde-lhe o Zé das Quinas :
« O' Manoel ! maguas á rua !
Porque é que tu te amofinas,
Quando a culpa não é tua ? »



LXII

NO TRIBUNAL

Ao tribunal comparece
Manoel Féra, malfeitor,
Cuja vida se conhece,
Negra e pejada de horror.

Ouve o libello terrivel,
Sem sequer pestanejar :
Logo depois, impassivel,
Diz que deseja fallar.

— Falle, diz o presidente.
« Eu declaro ao tribunal
Que confirmo plenamente
Toda a accusação formal.

Nada nego ! não ha meio :
Assaltei, matei, roubei!
Mas o meu crime mais feio
E' outro que só eu sei... »

Diz um jurado em voz alta :
« Isto custa a acreditar !
Diga : qual foi essa falta ? »
« Ter me deixado apanhar... »



LXIII

CAIPORISMO

Morava o Dr. Deiró,
Mesmo ao lado do Marreco :
Este deixava o caneco
Para beber agua só

Na quartinha do Doutor,
Que, por mais que se escamasse,
Não achava o bebedor,
Nem quem do dito fallasse.

Chegou, porém, triste dia,
Em que o Marreco, bebendo,
Foi de gozo adormecendo,
E o Deiró também dormia.

Que beber abençoado !
Mas foi a sêde tão rija,
Que o Marreco foi pegado
Com a bocca na botija.



LXIV

DE CADEIRA

Foi nas ultimas touradas...
A postos os amadores;
De senhoras e senhores
Cheias as archibancadas...

N'um camarote elle e ella
Applaudem. Um grito rouco
Se escuta: foi o Tinoco
Que quebrou uma costella!

Que sustos! que reboiço!
Ella espanta-se. Elle, sério,
Murmura com ar funereo:
« Eu esperava por isso!

O touro é bicho bondoso...
Mas basta que alguém o irrite!
Passado certo limite,
Eil-o medonho e furioso... »

E ella sorrindo, bregeira,
Diz-lhe, pallida, ao ouvido :
« Não duvido ! não duvido !
Você falla de cadeira... »



XLV

ENYGMATA

Scena de uma hospedaria :
Chegaram um bello dia,
Todos cobertos de pó,
Um frade e um soldado. E, pois,
Sendo a casa cheia, os dois
Dormem n'uma cama só.

Faz tal barulho o fradéco
Que o outro diz : — « seu marreco,
Veja se quer se calar. »
O frade á queixa se furta,
Diz-lhe : — « eu tenho a pelle curta,
Não posso os olhos fechar. »

Silencio. Mas de repente
Qualquer cousa o frade sente
E, sobresaltado, exclama :
— « Que é isso, por minha vida ?
— « Eu tenho a pelle comprida,
Quasi não caibo na cama. »

PERGUNTA

A pelle ao frade cresceu ?
A' praça diminuiu ?
Qual foi dos dous que cedeu ?
Qual foi dos dous que dormiu ?



LXVI

A CURA

Doente a Rita Paschoala,
De febre perniciosa,
Manda o doutor sujeital-a
A dieta rigorosa :

« Não me coma carne assada,
Nem frangos de cabidela !
Tome caldos e mais nada !
Não coma frutas ! cautela ! »

Peiora a Rita, peiora,
E o doutor a desengana...
E chora a doente, chora,
Diz que quer comer banana...

O marido não resiste,
E ao capricho se sujeita :
« Se tem de morrer a triste,
Morra ao menos satisfeita... »

Milagre ! Salva-se a Rita !
Contra a febre e a morte luta,
E engorda, e fica bonita,
E vive,— graças á fruta !

E, agora a fruta abençôa,
E affirma constantemente,
Que uma cousa, quando é boa,
Só póde dar vida á gente...



LXVII

BAIXO PROFUNDO

Contou-me este caso o Arouca,
Que é um homem cabeçudo :
« Tu podes garantir tudo
Que sahir da minha bocca !

Eu entrei com tanta furia,
Que não sei bem onde entrei,
Se foi n'uma casa espuria,
Se n'um palacio... não sei.

Mas cousas vão, cousas vêm,
E a brincadeira começa ;
Francamente eu não sei bem
Onde estava com a cabeça.

Com certeza já não tinha...
Porque sentei-me sem ver,
N'outra cabeça (adivinha
Se de homem, se de mulher...)

E tão alheio ao que via,
Tão fóra de mim (que bruto!)
Que no meio da folia,
De repente, que é que escuto?

—Vê lá se de assento trocas,
(Era este o seu estribilho)
Olha que tu me suffocas!
Por quem és, ergue-te, filho! »

E entre risadas confessa
O meu bom amigo Auroca,
Que a voz d'aquella cabeça
Sahiu pela sua bocca.



LXVIII

VELHA ANECDOTA

A's vezes (não é pagode !)
Cheias as hospedarias,
Sem achar camas vasias,
Cada um dorme como póde...

Foi no Paraguay... Durante
A campanha, um general
Resigna-se a dormir mal ;
Vai dormir com o ajudante.

Dormem... como a guerra cansa !
Que horror ! que fadiga enorme !
— E cada um dos dous dorme,
Dorme como uma criança...

De manhã, salta contente
O general ancião.
E, cheio de admiração,
Diz : « Que é isto, seu tenente ?

« Veja só a minha espada !
« Que bella, que rija, filho !
« Nunca a vi com tanto brilho !
« Nem tão pouco enferrujada ! »

E o outro, perdendo a linha :
« Perdão, Sr. general !
« Não leve o que digo a mal...
Porém... essa espada é a minha ! »



LXIX

A BORDO

Foi um dia um grande vaso
Que n'um bom dia partio,
E lá foi lampeiro ; e o caso
E' que ninguem mais o vio.

Não receia o irado oceano,
Não receia o vento : o mar
Trata-o bem : elle abre o panno
Sempre, sempre a navegar.

Doce é o ceu á noite ; ao dia
Brando é o vento, doce é o ceu...
Parecia, parecia
Que todo o mundo era seu.

Eis em uma pedra — *bumba!*
Bate o casco... que foi? Máo!...
E em todo o vaso retumba
Esta voz: — « foi n'um calhão! »

Commandante! commandante!
Calma, vamos, toca, atrás!
E ninguem vai p'ra adiante,
E ninguem sabe o que faz.

E o marujo: — « Que me parta
Um raio, se um dia eu vi
Esta pedra aqui na carta! »
— Pudera! Se ella está aqui!... »



LXX

DESEJO DE SER MÃE

(A A. A.)

Jurava dona Maria
(Que quasi morreu de parto,
Ao ter o seu filho quarto)
Que em outra não cahiria.

Ouvindo-a, dona Ramona,
De sessenta annos de idade,
A's saudades se abandona
Da antiga felicidade :

« Só fallam assim os fartos !
Ai! que eu não possa, coitada !
Ainda estar arriscada
A ter trezentos mil partos ! »



LXXI

AMICUS CERTUS

O José como caixeiro,
Era o que se diz—um alho ;
Muito amigo do dinheiro,
Muito amigo do trabalho.

Com economiasinhas
Trazia ao dedo um *pharol*,
Dormia com as gallinhas,
Acordava antes do sol.

Chamou-o um dia o patrão :
— « Seu José, você merece,
Pela sua correcção,
Particular interesse.

Vou lhe dar, repare bem,
A minha melhor partilha:
E' socio deste armazem
E é noivo de minha filha.»

Salta o José de contente,
Não cabe em si o José,
Ri-se, chora, vai p'ra frente,
Volta, gyra n'um só pé...

— « Mas, escute, ella é bonita,
E' rica, amada dos pais,
Mas, José, cousa exquisita...
Só aquillo... não tem mais.»

O José se desvanece,
E diz com ar bonachão:
— « Oh! por quem é, meu patrão!
Ainda que ella tivesse...»



VELHO CONTO

Cahiu para traz o Arruda,
Sem dar accordo de si,
E foi um Deus nos acuda,
Espanto assim nunca vi.

Veio o medico vizinho,
Examina-o com cuidado,
E logo, n'um instantinho,
Passa da morte o attestado.

Choros, gritos, faniquitos,
Padres, velas, cantochão,
E mettem, todos afflictos,
O defunto no caixão.

A viuva o corpo lhe vela,
Chorando como um bezerro,
(Quem viu magoa como aquella ?)
Lá vai a sahir o enterro .

Mas Arruda (olha que espanto !)
Abre os olhos, falla e diz,
E diz p'ra mulher em pranto :
« — 'Stou vivo ! Como és feliz ! »

Encara-o a viuva sentida
E, com as lagrimas no rosto :
— « Que vida, meu Deus, que vida !
Sempre has de me dar desgosto ! »



LXXIII

DISCUSSÃO

« Em todos os sacramentos
Os santos oleos estão... »
N'um dos seus bellos momentos
Dizia o Pedro Tristão.

« Em baptismo, chrisma, morte,
Casamento... » Acode o Leite :
« Não falle assim d'esta sorte :
No casamento é azeite. »



LXXIV

ENGROSSAMENTO

Lili, um anjo, um alfenim,
Veio á luz no mez das flores,
Mas quem moça vio assim,
Com tantos adoradores ?

Todos a querem ; mas todos
Um mez depois vão embora ;
Todos louvam os seus modos,
Porém, casar . . . Passa fóra !

E ella cada vez parece
Que fica mais vaporosa ;
Come, diz quem a conhece,
Apenas folhas de rosa . . .

Porém Lili de repente,
Não engorda ; mas o facto,
E' que avoluma na frente
E atrás fica como um prato.

Vem o doutor : — « Doutor, diga !
Que tem ella ? » — « Sente dores ? »
— « Não ! » — « Então, a rapariga . . .
Tem muitos engrossadores . . . »



L X X V

DILEMMA

O marido da Vicencia,
Que mora em cima de mim,
Tenham santa paciencia,
E' cousa muito ruim...

Que barulho! Todo o dia
Ella diz que se despenca
Da janella. Que arrelia!
E elle dá-lhe páo em penca.

« Visinho, eu berro, perdoe-a,
Visinho, não seja máo! ».
— Não conhece esta saloia,
Esta furia... » E lá vai páo.

Não durmo com tanto rolo,
Com tanta, tanta pancada!
Outro dia elles, n'um bolo,
Rebolaram pela escada. . .

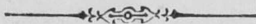
Não senhor! eu já não acho
Que assim continue! pois,
Ou elles vêm cá p'ra baixo,
Ou vou p'ra cima dos dois.

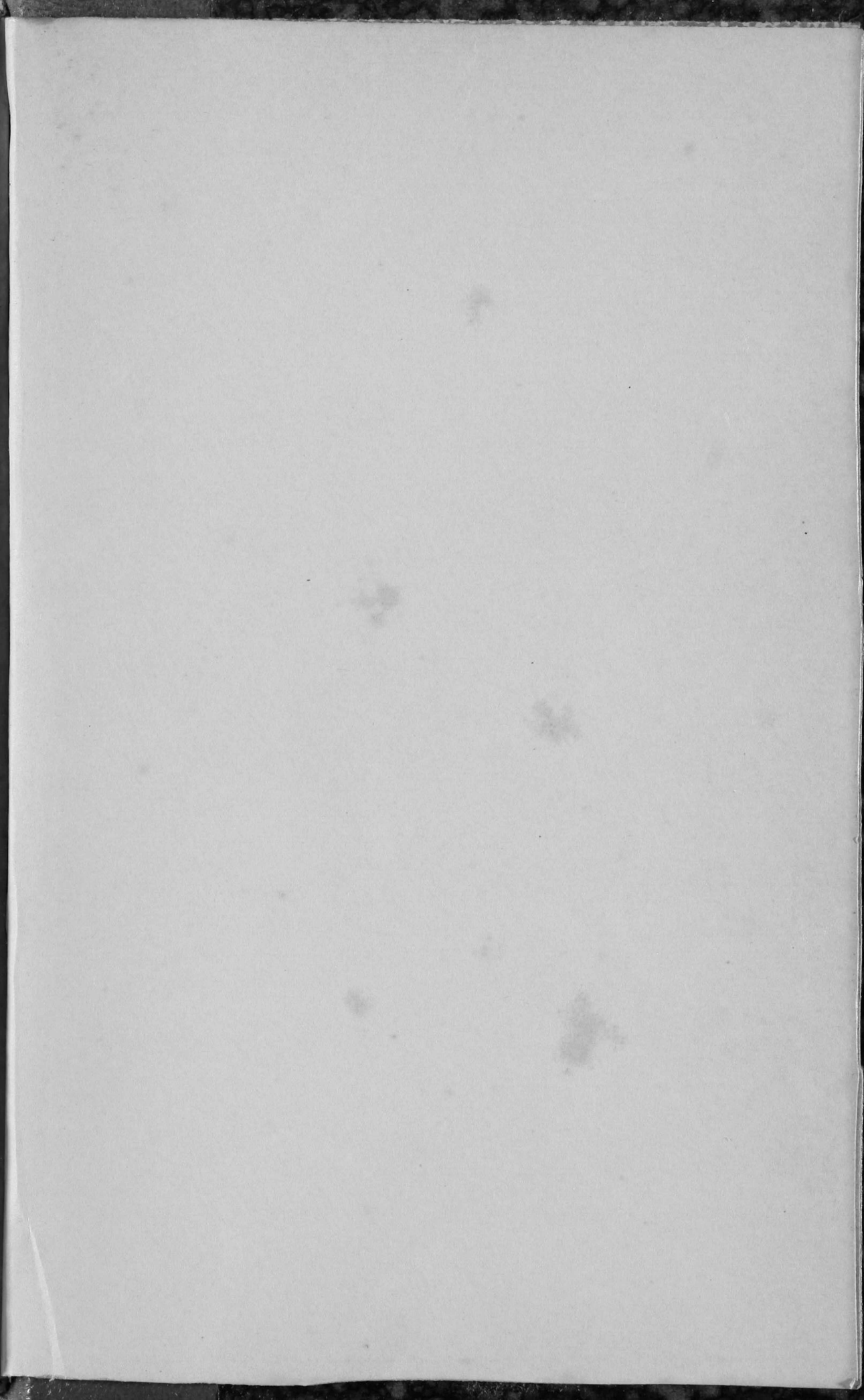


INDICE

	PAGS.
Advertencia.....	5
Conto.....	8
Presente de annos.....	9
Orlando furioso.....	11
Anomalia.....	13
Apuros.....	14
Pancadaria.....	16
Aperto.....	18
O signal.....	20
Elles.....	22
Um incendio.....	24
Conto do vigario.....	25
Indigestão.....	27
Na chuva.....	29
A tout Seigneur.....	31
Dor de viuva.....	33
No verão.....	35
O vispora.....	37
Velho conto.....	39
A voz do sangue.....	41
Missa do Gallo.....	43
Attenuante.....	45
Onus do officio.....	47
A protectora.....	49
Cornelio.....	50
Quantos.....	52
Conto.....	54
Consciencia.....	56
Rega.....	58
Fiasco.....	60
A carestia.....	62
Castigo.....	63
Conto.....	65
A promptidão.....	67
Casamento.....	68
Velho conto.....	69
O contrario.....	71

	PAGS.
Mysterio	73
Velho conto	74
Temperatura	76
Gato escondido	78
Conto	80
Velho conto	82
Depois	84
Ritinha	85
Cautela	86
Pretendente	88
Consciencia	90
Quod Cesar	92
Na hora da morte	94
Um destino	96
Ella	98
Identidade	99
Opiniões	101
A Alice	103
A Eleição	105
Conto	107
Festas	109
A suspeita	111
Causas	113
No dia de finados	115
Consolo	116
No tribunal	117
Caiporismo	119
De cadeira	121
Enygma	123
A cura	125
Baixo profundo	127
Velha anecdota	129
A bordo	131
Desejo de ser mãe	133
Amicus certus	134
Velho conto	136
Discussão	138
Engrossamento	139
Dilemma	141





Jan

